



**A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NAS
PRODUÇÕES DE CLARICE LISPECTOR E MARIA JUDITE DE
CARVALHO**

**TWO WOMEN AND ONE DESTINY: FEMININE
CHARACTERS IN CLARICE LISPECTOR AND MARIA JUDITE
DE CARVALHO**

Elizabete Sampaio Vieira da Silva ¹

Recebimento do texto: 20/08/2016

Data de aceite: 15/10/2016

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar as personagens femininas na ficção de Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho, especificamente, nos contos “Amor” e “A estranha ressonância do nome Alma” com o intuito de observar as convergências e as divergências nas respectivas produções, especialmente, no que tange a construção das personagens femininas. Para tanto, buscaremos destacar, que fraturas possuem e de que forma a produção literária de autoria feminina se constitui como um espaço de discussão sobre o papel social e existencial da mulher. Nesse sentido, teremos como aportes teóricos as proposições de Antonio Candido (2004), Beth Brait (1998), Lucia Osana Zolin Bonnici (2005), entre outros que apresentam aspectos da literatura enquanto função social, bem como discutem o percurso social e existencial da figura feminina no decorrer do contexto histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Mulher; Subversão; História.

ABSTRACT: This article aims to present the female characters in the fiction of Clarice Lispector and Maria Judite de Carvalho, specifically in the short stories "Amor" and "The strange resonance of the name Alma" with aim observe the convergences and divergences in the respective productions, especially, in reference of to the construction of female characters. Therefore, we will seek to highlight what fractures they have and how the literary production of female authors is a space for discussion about the social and existential role of women. In this sense, we will have as theoretical contributions mainly the propositions of Antônio Candido (2004), Beth Brait (1998), Lucia Osana Zolin Bonnici (2005) which presents aspects of literature as a social function, as well as discuss the social and existential course of the female figure In the historical context.

KEYWORDS: Literature; Woman; Subversion; History.

¹ Mestranda no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso/PPGEL, sob orientação da professora doutora Elisabeth Battista. Email: bethsampaio2008@gmail.com





Considerações preliminares

A Literatura, enquanto produto social e testemunho histórico, possibilita ao ser humano estímulos para compreensão do meio em que está inserido nas suas mais complexas relações.

De acordo com Moisés “literatura [...] é a reconstrução do mundo pelas palavras...” (1990, p.104), no entanto é importante salientar que esse processo de reconstrução é intencional e que por vezes, exprime angústias, críticas, impõem estereótipos, desconstrói normas e convenções sociais, oprime, resgata e legitima vozes.

Antônio Cândido (2004) define a literatura como um direito, uma necessidade universal, já que satisfaz necessidades básicas, humaniza, faz viver, liberta. Segundo o autor, todos têm direito ao acesso a esse agente transformador e formador de opiniões, pois a literatura se constitui, antes de tudo, como um direito humano, ainda segundo Cândido:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção...A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (2004, p.175).

Nessa perspectiva é importante considerar que as produções literárias estão impregnadas de marcas históricas, políticas e sociais decorrentes do período em que foram produzidas, não havendo possibilidade de que sua análise seja realizada desconsiderando os elementos extratextuais. Não podemos como afirma Abdala Júnior analisar um texto literário considerando-o:





[...] como que fechado em si mesmo. Ao contrário, qualquer forma artística é impregnada de marcas sociais e históricas. A análise crítica nessa perspectiva associa as múltiplas relações do texto com o contexto literário (e mesmo linguístico) e a situação comunicativa (ABDALA JR., 2003, p.124).

É, portanto, considerando as relações destacadas acima que apresentarei Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho como duas escritoras que têm trajetórias próximas, seja em relação ao percurso literário ou circunstâncias de vida. Ambas se destacaram entre os ficcionistas de seus respectivos países com suas produções literárias e apresentam uma recorrência de temas que as aproxima quanto à construção de personagens, principalmente as femininas, bem como na forma como articulam seus enredos. Apesar da distância espacial que separa as autoras, uma brasileira e outra portuguesa, alguns de seus textos dialogam entre si, uma vez que há proximidade das realidades entre Portugal e Brasil, principalmente, ao considerarmos a época da publicação de suas produções, um exemplo são os contos “Amor”, de Clarice Lispector e “A estranha ressonância do nome Alma” de Maria Judite de Carvalho.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar a construção das personagens nos contos “Amor” e “A estranha ressonância do nome Alma”, buscando observar de que forma essas produções criativas dialogam entre si, especialmente nas questões referentes à construção das personagens femininas, visando compreender de que maneira essas personagens são construídas, que fraturas possuem e de que forma a produção literária dessas autoras se constitui como um espaço de discussão sobre o papel social da mulher de uma época.





Duas mulheres e um só destino

O surgimento da escrita de autoria feminina assinalou do cenário literário a possibilidade da criação de uma produção literária, eminentemente livre e desprendida das concepções e valores inerentes ao sistema patriarcal que, até então, apareciam de forma bastante contundente nas produções literárias. A partir desta conquista, foi-se configurando novas perspectivas à trajetória feminina no curso da história, pois as produções das mulheres surgiram consciente, ou inconscientemente como uma intenção de protesto, de desarticular modelos e valores já solidificados, bem como, uma tentativa de resgatar e libertar as vozes femininas que até então, mantinham-se silenciadas pelo sistema patriarcal.

É na complexa rede de relações acima que surgem as produções de Clarice Lispector e de Maria Judite de Carvalho, as quais trouxeram para a arte literária a problematização da condição social da mulher ainda que em países diferentes. Os contos que iremos trazer para o foco de discussão sobre o embate social dessa mulher na busca por compreender sua identidade, registram a alienação em que estavam imersas e como esta afetaram suas vidas. Muito mais que apenas narrar à história dessas mulheres, as autoras tiveram a preocupação de inserir em seus textos os sentimentos de exílio, deslocamento, não pertencimento, angústia interior e solidão que dilaceram as personagens, tentam desvendar o poder dos muros invisíveis que limitam suas existências.

Há a partir da construção das personagens femininas a desconstrução do estereótipo feminino que figurava na ficção até então. As idiossincrasias que permeavam a identidade feminina, que permaneciam ocultas começaram a ganhar destaque e a incitar o imaginário de seus leitores.





O conto “Amor” faz parte de uma coletânea de contos – Laços de Família, considerado pela crítica literária como um dos melhores livros de contos de nossa literatura, a obra foi publicada em 1960, por Clarice Lispector. Trata-se de uma coletânea composta por 13 contos que retratam o aprisionamento do ser humano em decorrência dos laços familiares, especificamente das personagens femininas, os contos buscam retratar a sociedade carioca dos anos 60. Já o conto “A estranha ressonância do nome Alma” é um dos contos do livro – Flores ao telefone publicado em 1968 pela escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho. Obra composta por 14 contos que relatam a rotina das mulheres aprisionadas a situações de opressão e repressão, as quais lhes roubam o sentido de suas existências.

A década de 60, período de publicação das obras foi um momento de intensas transformações econômicas, políticas e cultural, tanto em Portugal quanto no Brasil. As produções ficcionais de Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho surgiram em meio a um período de revolução comportamental marcada pelo surgimento do Feminismo, um movimento político, social e filosófico que buscava a instauração de uma igualdade de direitos entre homens e mulheres, visava a libertação destas diante do ambiente machista que a relegavam a um papel de inferioridade e submissão.

Foi em meio as revoluções destacadas acima que, a mulher iniciou sua inserção no campo literário, ou seja, em meio a decadência do patriarcalismo ela lutou pelo surgimento de uma nova concepção de sociedade. Portanto, assume a partir de então, uma postura transgressora e revolucionária na tentativa de proporcionar a abertura de espaço que pudesse ecoar o discurso feminino que durante tanto tempo foi silenciado pelo sistema social vigente.

Os contos “Amor” e “A estranha ressonância do nome Alma” narram histórias de duas mulheres que vivem uma rotina aparentemente normal com





suas famílias, donas de casa exemplares, esposas dedicadas, mas que na verdade, estão enclausuradas, oprimidas, sufocadas e infelizes, nesse espaço familiar que oscila entre um local de proteção e opressão simultaneamente:

Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. [...] O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundia com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto (LISPECTOR, 1998, p.20).

Logo no início do conto “Amor” percebe-se que a personagem Ana vive imersa em uma rotina de mulher, esposa e mãe conflituosa e opressora, porém, tenta se convencer de que isso lhe basta: “Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros” (LISPECTOR 1998, p. 20). Todavia, há momentos em que essas certezas se perdem em meio a sensações de angústia, as quais fazem com que os devaneios e o medo abalem seu cotidiano:

Certa hora da tarde era mais perigosa. [...] Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. [...] Sua preocupação reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções (LISPECTOR, 1998 p. 19-20).

A personagem tem receio do ócio, assim como, de tudo que ele pode lhe provocar, ela precisa se sentir útil para buscar o amparo do cotidiano e, desta forma continuar acreditando que está tudo bem, a rotina e os afazeres domésticos que a mantêm longe de suas inquietações são um refúgio no qual Ana tenta se esconder de si mesma: “Ana sempre tivera necessidade de sentir





a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera” (LISPECTOR, 1998, p.20).

Observa-se, que o anseio pela liberdade é algo que causa medo em Ana, pois ela foge das situações que de alguma forma possam alimentar o sentimento que guarda no seu inconsciente. Como o papel social da mulher já estava culturalmente definido pelo sistema social da época, Ana sente-se perdida quando não há mais o que fazer, é como se nesses momentos não soubesse quem é, coloca em dúvida a própria existência.

Aos poucos se percebe, pelas pistas deixadas pelo narrador, a ênfase de que Ana era uma mulher triste, que vivia um conflito existencial profundo: “Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera” (LISPECTOR 1998, p. 21).

O medo da mudança angustia Ana, mas o que tanto a personagem temia acaba acontecendo. A partir de um encontro com um cego no bonde quando retornava das compras ela vê sua vida modificada e, tudo o que antes era suficiente, agora não era mais, a frustração toma conta da personagem que a partir desse encontro entra em crise, passando a ter outra percepção do mundo e de sua realidade:

Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. [...] Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. [...] o mal estava feito. A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito (LISPECTOR 1998, p. 22).

O encontro com o cego abala a vida da personagem, ela vê na figura do cego a sua própria condição de exílio, percebe o quanto estava presa e,





consegue compreender tudo que teve que abrir mão em razão do casamento e da falsa felicidade que o casamento lhe proporcionara. Deixa assim, eclodir sua ânsia de liberdade, a vida começa a ter outro sentido, Ana percebe o espaço familiar de outra maneira, e a insatisfação é o sentimento que domina seus pensamentos:

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse [...] tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca (LISPECTOR 1998, p. 23).

A personagem percebe que todo o cuidado que tivera para não se deixar influenciar pelos seus desejos inconscientes de liberdade fora dilacerado por essa experiência que lhe rouba a paz, isso fica explícito no seguinte trecho: “Os dias que ela forjava haviam- se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? [...], não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver” (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Apesar de todas as transformações pelas quais Ana passa, ela ainda não consegue se desvincular do espaço familiar e, acaba optando por voltar a sua rotina como uma forma de se sentir mais segura, ainda que essa segurança lhe sufoque e lhe angustie de forma que lhe tirava o sentido da vida e, assim pelas mãos do marido encontra uma saída para retornar ao cotidiano: “Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver” (LISPECTOR, 1998, p.29).

A personagem Alma, personagem de ficção de Maria de Judite de Carvalho vive a mesma crise existencial que Ana de Clarice Lispector, porém





levada por outras circunstâncias. Alma é descrita pelo narrador como uma mulher extremamente infeliz com sua aparência que estava totalmente, fora dos padrões estéticos socialmente definidos na época: “Era uma mulher conscientemente feia, com seu melancólico nariz comprido e uma boca grande, desconsolada, sem lábios nem sorriso” (CARVALHO,1968, p.21).

Uma mulher feia que tem uma vida limitada pelos muros internos e externos que a exilam do resto do mundo, dona de casa e esposa dedicada, vive enclausurada no ambiente doméstico, tendo como únicos elos da ligação entre ela e o mundo, o jornal e o marido, é por intermédio destes que ela sabe o que acontece para fora dos limites do ambiente da casa. A personagem sente o sufocar de um cotidiano que lhe aprisiona e percebe o quanto é assustadora a falsa tranquilidade do espaço familiar, todavia não encontra forças para romper essa situação e, tem na resignação, portanto, sua única alternativa de sobrevivência.

A solidão é algo constante na vida da personagem Alma, aspecto que faz com que o narrador vá deixando pistas para que o leitor perceba e decifre lentamente os enigmas desse cotidiano, aparentemente, normal que sufoca a personagem. Elementos que fazem com que o leitor conheça os dilemas e a tragédia humana na qual ela está imersa:

O silêncio desceu de novo entre ambos, alastrou pela casa onde não havia mais ninguém, tornou tudo estático. Um silêncio pesado que elas às vezes sentia necessidade de afastar de si como quem afasta a roupa de cama em noites quentes. Um pouco como se sufocasse (CARVALHO,1968, p.22).

Não há proximidade entre Alma e seu esposo Hermes, a relação é marcada pela frieza e indiferença, não havendo lugar para intimidade, afeto, ou qualquer tipo de proximidade. O casamento é apenas uma convenção





social na vida da personagem: “Ela acompanhou-o e sentiu-se de súbito, não sabia bem porquê, infeliz. Não era a primeira vez...” (CARVALHO, 1968, p. 23). Porém, mesmo assim, Alma tenta se convencer de que havia feito a escolha certa ao se casar com Hermes, todavia tinha consciência de que, na verdade, não o escolhera, ele foi sua única opção:

Hermes, um homem apagado, sem ninguém, vinte anos mais velho. Era no entanto um bom homem, não podia queixar-se. Sossegado, trabalhador, seu amigo. Um homem com quem viver não era divertido, mas ela nunca soubera o que fosse uma vida divertida. [...] Fora também o único a querer casar com ela (CARVALHO, 1968, p.24).

A personagem trava ao longo da narrativa uma triste batalha consigo mesma por conta de sua infelicidade decorrente do incômodo diante de sua aparência, a falta de beleza da personagem é algo que atormenta seus pensamentos e a tortura, de tal forma, que ela busca refúgio no cotidiano para não estar consigo mesma, nesses momentos a leitura do jornal era uma forma de se manter afastada de si e de seus devaneios, de fugir da falta de sentido que assolava sua vida.

Alma recorria ao espelho como uma forma de fuga e de encontro, nesses momentos ela pode ser ela mesma, compartilha com o objeto suas intimidades mais absurdas, e o desejo quem sabe um dia ser bonita. “[...] costumava ir até o espelho, olhava atentamente para aquele longo nariz, para aquela boca tão grande. Era uma visão desoladora, mas ao mesmo tempo reconfortante” (CARVALHO, 1968, p.23).

Sua relação com o espelho era uma necessidade, era a única possibilidade de ser ela mesma e assim se libertar ainda que, por alguns instantes, do papel social que lhe era imposto, de mulher casada. Os encontros representavam também um momento doloroso no qual a partir de suas





reflexões a personagem toma consciência de quanto eram dolorosas as ausências de beleza, de atenção por parte do marido, de sentido para vida.

Observa-se que os traços da personalidade das personagens são muito bem construídos pelas autoras, num jogo de palavras no qual as mulheres são infelizes, extremamente solitárias, tímidas, caladas, sem perspectivas. Vítimas de um sistema opressor que não permite que sejam livres. Estavam, portanto, condicionadas a se adequar ao papel social que lhes é designado, a alienação moral e social é uma constante em suas vidas.

As personagens femininas Ana e Alma carregam consigo uma herança de opressão e repressão muito forte. Vivem um conflito interno intenso, que as consomem e dilaceram por dentro, pois não conseguem compreender quem são, justamente porque ainda não sabem verdadeiramente quem são, já que estão presas ao papel social que lhes fora imposto e do qual elas não conseguem se libertar.

Como afirma Beth Brait (1998) a respeito da construção da personagem:

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Que elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos, ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos (BRAIT, 1998, p.52).

São essas características propostas por Brait que é possível verificar em Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho ao construir ou desconstruir as personagens Ana e Alma, elas buscam a partir dessas construções incitar a discussão sobre o papel da mulher nas complexas relações estabelecidas pelo sistema social da época, especialmente visaram retratar como esses conflitos de relações faziam sentidos no imaginário feminino.





Ana e Alma, mesmo oprimidas, são personagens transgressoras, que questionam a estrutura social e ideológica de sua época, manifestaram suas inquietudes e conflitos, mostram rupturas possíveis ao poder alienante, tornam-se porta-vozes das mulheres violentadas por esse sistema opressivo em que vivem.

As personagens Ana e Alma são construídas de maneira minuciosa, especialmente no que tange as angústias que rondam o imaginário feminino, pois são mulheres vítimas de um sistema social, que impõe a alienação como algo natural. Elas estavam presas a um estereótipo feminino e a um sistema social no qual impera, o poder masculino, o único ser dotado de direitos era o homem, restando às mulheres apenas os deveres e obrigações advindos do lar. As personagens são sujeitos históricos acorrentados pela ideologia de uma época na qual a mulher tinha o papel social restrito ao ambiente privado do lar, era apenas o que lhe permitiam ser, o casamento era seu destino, a submissão a esta instituição e tudo que ela estabelecia como certo, era uma regra que deveria ser cumprida, mesmo que a esta estivesse limitado o direito à vida.

Em princípio a visão de mundo dessas personagens em foco parece estar restrita ao aspecto proporcionado pelo sistema social da época, com sua ideologia machista que condicionava a mulher a um estado de alienação degradante, onde suas ações, seu modo de ser, pensar, de agir, de se comportar socialmente já estavam pré-estabelecidos, porém, no decorrer das narrativas as autoras vão desconstruindo tais concepções e atribuem a estas personagens o papel de fazer eco na concepção vigente e romper com a estrutura, até então, fixa e imóvel do sistema operante.

As obras criativas dialogam, especialmente no que tange a condição de opressão e necessária subversão da figura feminina no âmbito da realidade da época, pois as duas autoras conseguiram com êxito representar a partir da





literatura os dilemas do universo feminino, cada uma ao seu modo, já que há um estilo peculiar em cada escritora que também trazem traços que se divergem. A tensão, o embate entre essas mulheres e o mundo revelam suas fraturas diante da tragédia humana que vivem. Segundo Lúcia Ozana Zolin (2005):

A obra de Clarice Lispector significa, na trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, um momento de ruptura com a reduplicação dos valores patriarcais que caracteriza a fase feminina [...] Pode-se dizer que ela inaugura outra forma de narrar dentro de um espaço tradicionalmente fechado à mulher. Trata-se do marco inicial da fase feminista. Chamá-la de feminista não significa, contudo, que as obras que nela se inserem empreendam uma defesa panfletária dos direitos da mulher. Significa, apenas, que tais obras trazem em seu bojo críticas contundentes aos valores patriarcais, tornando visível a repressão feminina nas práticas sociais, numa espécie de consequência do processo de conscientização desencadeado pelo feminismo (ZOLIN, 2005, p. 279).

As ficcionistas partem de um cotidiano aparentemente normal para desmascarar sutilmente e ironicamente o mundo de inquietação latente nas personagens femininas, expondo a condição de exílio em que estão imersas e a ânsia destas por uma fuga desta condição. A rotina adquire novas formas, e aos poucos o narrador denuncia os obstáculos enfrentados diariamente por essas mulheres, descortinando a importância de detalhes até então considerados insignificantes no universo feminino, mas que apresentam inúmeros sentidos que contribuem na ressignificação dos conceitos subjacentes.

Fernando Mendonça (1973) define as narrativas de Maria Judite de Carvalho como: “janelas indiscretas, abertas sobre a vida das mulheres.” Essas “janelas” permitem que a realidade vivida por estas venha à tona,





fazendo com que e a crueldade com que são tratadas em virtude da manutenção de uma estrutura social desigual seja desmascarada e subvertida.

Os enredos dos contos analisados percorrem caminhos muito próximos, tanto Ana quanto Alma cada qual ao seu modo tenta escapar da teia construída a partir do cotidiano sufocante. Ainda que por um breve período tenha a possibilidade de romper essa condição, pois já no início do conto Ana sai para fazer as compras e, após o encontro com o cego, sem perceber acaba chegando ao Jardim Botânico lugar no qual toma consciência de seu estado de não pertencimento a este espaço, a personagem prefere o retorno ao seu cotidiano como uma forma de segurança. Já Alma, diferentemente desta, nunca ultrapassa os muros do lar, seu estado de solidão, sofrimento, passividade, inércia diante de sua situação e de seu destino é assustador. De acordo com Caniato (1996):

Os pequenos episódios das figuras juditianas revelam grandes dramas humanos. [...] Pondo em destaque uma angustiada concepção de mundo, suas personagens apresentam-se, quase sempre, obstinadas por evadir-se das situações em que se encontram [...] (CANIATO, 1996, p.18).

Apesar de possuírem destinos parecidos há na trajetória das personagens divergências. Enquanto Ana tem a possibilidade de romper com o espaço doméstico ao sair de casa para fazer compras, chegando até o Jardim Botânico, após o chocante encontro com o cego, onde finalmente consegue perceber a realidade a sua volta sob uma nova perspectiva e, portanto, compreende então sua real situação de passividade, omissão e submissão; Alma permanece o tempo todo isolada no ambiente doméstico, e só toma consciência de sua situação a partir do seu reflexo no espelho. A imaginação é seu único refúgio, já que fica horas imaginando como tudo poderia ser





diferente se ela fosse bonita, talvez quem sabe até mesmo seu destino fosse outro.

A transgressão se manifesta diferentemente na construção das personagens, cada uma, ao seu modo, tenta se libertar das amarras de um cotidiano repressor e solitário e de tudo que ele provoca, todavia, é importante estar atento ao fato de que as duas autoras usam o escuro para despertar essas personagens. Ana na figura do cego e Alma que nos momentos de íntima solidão e desespero, com os “olhos abertos no escuro” tenta imaginar como seria sua vida e sua história caso fosse bonita.

A desigualdade de gênero, que cerceia a mulher naquele período, as impede de viver para além do ambiente privado do lar, oprimindo, reprimindo e determinando seus comportamentos. Esses aspectos como afirma Candido(2004) fazem com que a literatura exerça seu papel humanizador, no sentido de contribuir para libertar as vozes sufocadas pelo sistema operante, especialmente, ao permitir que elas ecoem e instiguem outras discussões, posicionamentos e ideologias.

Os contos retratam a sociedade carioca e portuguesa nos anos 60, questionam o modelo social patriarcal no qual a mulher vivia aprisionada e desvela a coerção e repressão das quais eram vítimas. Assim, as autoras traçam um perfil da figura feminina que em virtude do casamento, muitas vezes, por ser arranjado pela família, vivia alienada e, portanto sobrevivia de aparências. As respectivas narrativas, portanto, se consolidam como um espaço no qual a mulher, enquanto sujeito histórico, ganha voz ao poder manifestar seus anseios, frustrações, insatisfações, medos silenciados pela opressão da qual foram vítimas por um longo período, contribuindo assim para desfazer os estereótipos que figuravam não apenas na ficção, mas, também, na trajetória histórica vivenciada naquele momento. Ana e Alma, portanto, representam o ecoar das vozes de todas as mulheres sufocadas por





uma estrutura social patriarcal que limita suas existências ao necessário enquadramento em um determinado papel social já estabelecido, no qual resta claro que os deveres superam os direitos, ainda que estes sejam fundamentais.

Considerações finais

A construção das personagens femininas de Clarice Lispector e Maria Judite de Carvalho nos contos “Amor” e “A estranha ressonância do nome Alma” apresentam várias semelhanças, especialmente, se seguirmos a linha intimista de ambas que rompem com os valores estéticos e éticos vigentes no período das respectivas produções, pois ultrapassam um mero debate de questões feministas e instigam à reflexão sobre as discussões acerca do papel social da mulher naquele período e no momento de recepção da obra, tanto no Brasil quanto em Portugal.

O desejo de liberdade reprimido pelo dever de se enquadrar a um papel social já determinado é a causa geradora dos conflitos vividos pelas personagens. Trata-se de fazer eclodir as relações envoltas no casamento e nas questões de gênero, bem como apresentar elementos que nos fazem compreender como estas refletiam e continuam a refletir na sociedade. Desta forma, ambas, consolidam, ratificam a concepção de literatura defendida por Antônio Cândido (2004) de que a literatura como direito é uma necessidade universal, e, portanto, ao satisfazer necessidades básicas, humaniza, faz viver na diversidade e complexidade que se amalgama no viver cotidiano e ficcional apresentado pelas autoras.

Os contos “Amor” e “A estranha ressonância do nome Alma” desconstruem o universo feminino tão bem maquiado pelo sistema convencional da época e desvelam questões subjacentes deste. A crise da figura feminina, que se encontra perdida, fragmentada, busca, a partir das respostas aos seus questionamentos e ânsias interiores encontrar, e atribuir





significado para sua existência e libertar-se. A transgressão está presente nas duas construções literárias, pois as personagens, ousadamente rompem com valores socialmente impostos a mulher da época, ainda que por meio apenas de reflexões, elas questionam esses valores e têm o desejo de mudar seus destinos. Todavia a estrutura social é mais forte que elas, o dever prevalece ao direito, e assim acabam por ceder à estrutura dominante, todavia conscientes de que não são as mesmas.

Não há na rotina dessas personagens espaço para que sejam elas mesmas, ambas vivem asfixiadas pela realidade, imersas em uma tragédia no recanto de seus lares, que assumem muito mais uma função de um espaço opressor, repressor, responsável pela alienação moral e social das personagens. Exiladas socialmente, Ana e Alma vivem presas aos muros invisíveis, mas poderosos de uma estrutura social que lhes nega o direito a uma vida livre.

Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política: Literaturas de Língua Portuguesa no séc. XX**. São Paulo: Ática, 1989.
- BONNICI, T; Zolin, L.O. (org.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2.ed. Maringá: Eduem, 2005, 275-283.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: **Vários escritos**. 3 ed. rev. ampl. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2004.
- _____. **A personagem de ficção**. 12.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CANIATO, Benilde Justo. **A solidão de mulheres sóas**. São Paulo, Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1996.





-
- CARVALHO, Maria Judite de. **Flores ao telefone**. Ovar, Português, 1968.
- HELENA, Lúcia. **Nem musa nem medusa**: itinerários da escrita de Clarice Lispector. Niterói: EDUFF, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MENDONÇA, Fernando. “Ficção de autoria feminina ou o sabor da solidão”. In: **A literatura portuguesa no século XX**. São Paulo, Hucitec, 1973, p.173.
- PERRONE, Leylla. “A criação do Texto Literário”. **Flores da Escrivantina: Ensaaios**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

